



## **ROMANTIZAÇÃO DA MATERNIDADE: REFLEXÕES SOBRE GÊNERO**

CAPORAL, Bibiana da Roza<sup>1</sup>; CORTES, Márcia Della Flora<sup>2</sup>; COSTA, Laís Braga<sup>3</sup>;  
AMARAL, Marcel Jardim<sup>4</sup>; SANTOS, Sabrina Hoffmann<sup>5</sup>; DICETTI, Andrieli dos Santos<sup>6</sup>;  
AMARAL, Kauana Rodrigues<sup>7</sup>; RODRIGUES, Daiane Martins<sup>8</sup>; SOARES, Raquel Madeira<sup>9</sup>

**Palavras-Chave:** Maternidade. Gênero e representação feminina.

### **INTRODUÇÃO**

O presente trabalho visa abordar a questão da maternidade romantizada e as questões relacionadas a estudos de gênero nesse sentido. A mulher por motivos culturais, está exposta desde a infância a práticas que reforçam a naturalização da maternidade compulsória. A maternidade é uma forma de reafirmação de identidade feminina, e é retratada socialmente como a realização plena da mulher.

A maternidade como realização, é romantizada, logo, desconsidera o debate acerca das opressões vivenciadas pelas mulheres que quando mães se privam de atividades por serem pressionadas a dedicar o tempo integralmente aos filhos, algo que não é cobrado dos homens pais. Da mesma forma, as mulheres que não tem filhos são cobradas, e sofrem a pressão da maternidade compulsória.

---

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Práticas Socioculturais e Desenvolvimento Social (UNICRUZ).  
E-mail: bibiana.caporal@gmail.com

<sup>2</sup> Bibliotecária do Instituto Federal Farroupilha – Campus Jaguari. Mestre em Patrimônio Cultural pela Universidade Federal de Santa Maria, RS, Brasil. E-mail: marcia.cortes@iffarroupilha.edu.br

<sup>3</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Práticas Socioculturais e Desenvolvimento Social (UNICRUZ).  
E-mail: lbc.biblio@gmail.com

<sup>4</sup> Mestrando em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG). E-mail: amaral.marcel@yahoo.com

<sup>5</sup> Acadêmica de Licenciatura em Ciências Biológicas no Instituto Federal Farroupilha - Campus São Vicente do Sul (IFFar-SVS). E-mail: sabrina\_hoffmann15@hotmail.com

<sup>6</sup> Acadêmica de Bacharelado em Administração no Instituto Federal Farroupilha - Campus São Vicente do Sul (IFFar-SVS). E-mail: andrielidicetti.18@gmail.com

<sup>7</sup> Bibliotecária do Instituto Federal Farroupilha – Campus Avançado de Uruguaiana. Mestranda no Curso de Educação na Escola Superior de Educação. Instituto Politécnico do Porto, IPP, Porto, Portugal. E-mail: kauana.amaral@iffarroupilha.edu.br

<sup>8</sup> Acadêmica de Licenciatura em Química no Instituto Federal Farroupilha - Campus São Vicente do Sul (IFFar-SVS). E-mail: daianemartins.iff@gmail.com

<sup>9</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Práticas Socioculturais e Desenvolvimento Social (UNICRUZ).  
E-mail: raquelmasoares@gmail.com



## **METODOLOGIA**

Tendo em vista a dimensão social que se pretendeu atingir com este estudo, utilizou-se a análise qualitativa que segundo Minayo (2001, p. 14) “trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.” Com base em Gil (2002), quanto aos procedimentos técnicos classifica-se como uma pesquisa bibliográfica.

## **RESULTADOS E DISCUSSÕES**

A independência da mulher, que remonta aos anos 60, trazida pelo movimento feminista, onde o gênero feminino procurou inserir-se no mercado de trabalho e estudar, a sua vida foi reconfigurada e o lado profissional passou a ter grande relevância para o seu sustento. Dessa forma, a mulher, que é mãe além de gerir uma vida, precisa também gerenciar a sua vida profissional acumulando tarefas, que muitas vezes acabam por desencadear severas doenças.

[...] pode-se frequentemente identificar sentimentos de dúvida e ambivalência no discurso espontâneo das mulheres contemporâneas quando se vêem envolvidas com as questões da maternidade. Muitas se culpam por não sentir ou não agir de acordo com os modelos valorizados na sociedade, com normas inconscientemente internalizadas que se reproduzem através das gerações, integram a subjetividade feminina e modelam papéis. Estas mulheres podem se sentir assim por não amarem incondicionalmente seus filhos, sentirem raiva ou frustração pelo nascimento de uma criança, o que não corresponde àqueles ideais normativos internalizados. (TOURINHO, 2006, p. 5)

A situação referida por Tourinho, é vivenciada por muitas mulheres que decidem não ter filhos e são vistas com espanto pela própria família, como uma atitude que vai contra a natureza da mulher, uma vez que a sociedade impõe que o gênero feminino deve reproduzir, reduzindo o significado de sua vida principalmente a exercer a função de ser mãe. Essa visão que desrespeita a vontade da mulher, que tem o direito legal de viver como quiser ainda é pouco discutida pela sociedade e colocada como contradição, ser mulher e não querer ser mãe.

E não é de se esquecer o marido, pois a mãe ideal é também a esposa ideal. Logo, em suas postagens na mídia social e em suas relações sociais, as mulheres reais imitam esses retratos da mídia e se mostram, com bebê na barriga ou no colo, também sensuais e cativantes, numa improvável e desumana disponibilidade sexual. Sua realidade como sujeitos humanos que vivem uma tripla jornada de trabalho que lhes tira o sono, a saúde e a alegria não é reconhecida. Quando mencionada é tachada como “egoísmo”, afundando a mulher-mãe num poço sem fim de culpa e vitimismo, ou raiva sufocada. (NOGUEIRA, 2017)



Nesse contexto, Nogueira expõe a idealização da maternidade, do amor materno que sufoca e suga a mulher e que pode-se dizer, resulta de uma sociedade patriarcal e machista que oprime o gênero feminino, suas necessidades e desejos. Na realidade, a maternidade é uma grande responsabilidade e exige muita dedicação, tempo e vontade das mulheres e também dos homens. Salienta-se que o gênero masculino exerce, ou deveria exercer um papel fundamental de apoio e compartilhamento em todas as rotinas que fazem parte da criação de um filho.

Conforme explicita Butler (2003), não é justo que se imponha “ao corpo das mulheres a obrigação compulsória de reproduzir [...] o desejo de dar à luz resulta de práticas sociais que exigem e produzem esses desejos, para levar a efeito seus objetivos reprodutivos” (BUTLER, 2003, p.136). Nesse sentido, Matar e Diniz (2012) discute que:

a maternidade foi, e, em alguma medida, segue sendo, uma identidade forçada das mulheres já que, com frequência, não têm controle sobre seus corpos. Soma-se a isto o fato de que, ainda que haja uma mudança lenta em curso, no sentido de uma melhor e mais equilibrada divisão do trabalho doméstico entre homens e mulheres, as últimas ainda são as principais responsáveis pelo cuidado com os filhos, o que as mantém restritas à esfera doméstica, dependentes dos homens ou do Estado. (MATTAR; DINIZ, 2012, p.108)

Observa-se, portanto, que há uma regulação do corpo e da vontade da mulher no que diz respeito à maternidade. Considerando que a cultura a qual estamos expostos espera da mulher a representação de mãe, esposa e dona de casa, entende-se regular o corpo da mulher e compreender que a maternidade é uma condição obrigatória de ser mulher é uma maneira de manter a ordem social onde se tem as mulheres ocupando espaços privados, e os homens espaços públicos.

Assim sendo, a mulher permanecendo no espaço do lar, sendo mãe e estando sujeita à crítica caso opte por não ter filhos ou por não dedicar inteiramente a vida aos filhos, permanece ocorrendo a exclusão da mulher nos espaços de tomada de decisão, ou seja, a mulher e suas pautas seguem invisibilizadas. Sendo assim, é próprio dos aparelhos ideológicos do Estado (Escola, Igreja, família) difundir a ideia da realização plena da mulher atrelada à maternidade.

Considerando a premissa de que a mulher realiza-se necessariamente tornando-se mãe, culturalmente se difunde que a maternidade é um momento mágico, divino, romântico, enfim, o ápice da felicidade feminina. Essa romantização da maternidade impede que se discutam questões do cotidiano da mulher mãe, o que gera uma expectativa sobre maternagem que não corresponde à realidade na maioria das vezes. Logo, como consequência as questões reais da



maternidade tornam-se um tabu o que reprime o gênero feminino de forma que as dificuldades vivenciadas pelas mães na gestação, puerpério não são discutidas socialmente.

A romantização da maternidade é uma forma de reproduzir a opressão de gênero, de acordo com Mattar e Diniz (2011, p.111) “faz-se necessário criar as condições para que a maternidade seja exercida em um contexto de direitos humanos, isto é, para que ela seja voluntária, segura, socialmente amparada e prazerosa, promovendo, assim, a igualdade de gênero.”

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Conclui-se que em se tratando de estudos de gênero há questões que estão arraigadas culturalmente e que reproduzem opressões para as mulheres, que são uma minoria política. A romantização da maternidade é uma forma de descaracterizar as mulheres, pois, se tem socialmente uma representação sobre ser mãe que é inatingível e que as pressiona a se enquadrarem em um padrão de comportamento. Portanto, a sociedade patriarcal e machista construiu a imagem de que a maternidade é divina e prazerosa, sem apontar, entretanto, as diversas dificuldades enfrentadas pelas mulheres nesse processo.

### **REFERÊNCIAS**

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da indentidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

MATTAR, Laura Davis; DINIZ, Carmen Simone Grilo. Hierarquias reprodutivas: maternidade e desigualdades no exercício de direitos humanos pelas mulheres. **Interface-Comunicação, Saúde, Educação**, v. 16, n. 40, 2012.

MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2001.

NOGUEIRA, A. T. A maternidade real: gestação, parto e convivência sem romantização. **Psicologia dialética: revisitando a psicologia e a vida real**. 2017. Disponível em: <<http://www.psicologiadialetica.com/2017/07/a-maternidade-real-gestacao-parto-e.html>>. Acesso em: 15 jul. 2017.

TOURINHO, J. G. A mãe perfeita: idealização e realidade: algumas reflexões sobre a maternidade. **IGT na rede**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 5, p. 1-33, 2006.